O Bicentenário de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil e a construção de seu esboço biográfico

Berna Caroline Vasconcelos Nogueira*

Assim como a narrativa histórica, a memória também é uma construção. Ambas nos fazem lembrar e/ou são interrogadas a partir de perguntas de um presente em constante dúvida acerca de seu passado e de como se deram os processos sociais/culturais que desembocam no hoje. Sejam essas dúvidas sobre pessoas ou sociedades. Por isso, é que, pesquisando há quase dez anos a vida/obra de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil, que nesse ano de 2018 completa duzentos de seu nascimento, motivo para solenidades e comemorações em torno de seu legado intelectual, é que desenvolvo aqui esse trabalho sobre seu bicentenário e sua importância histórica, tanto para a memória cearense, como para a construção da própria história do Ceará.

Ainda na Graduação em História surgiu meu interesse pela vida/obra de Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. No entanto, esse interesse se dava em torno de suas ideias enquanto um intelectual que se interessou e se aprofundou nas questões ligadas à natureza e às secas que assolavam o Ceará. Com o avançar das pesquisas fui percebendo certo vazio biográfico sobre questões mais profundas de seu pensamento. A cada novo documento me deparava com uma nova descoberta a ser feita a respeito de quem poderia ter sido esse sujeito que marcou intensamente a história do Ceará provincial.

* Mestranda no Mestrado Acadêmico em História e Culturas – MAHIS. Universidade Estadual do Ceará- UECE.

Considerado um dos nomes mais importantes entre os intelectuais e políticos da Província, este carecia de uma biografia, ou pelo menos de um esboço mais condizente com as recentes metodologias históricas[1].

Longe de ser o historiador um preenchedor de lacunas da História, o que me intrigou enquanto pesquisadora foi: como um intelectual e político de sua envergadura, com diversas publicações em diferentes temas, num tempo em que isto não era tarefa fácil, ocupando vários cargos importantes na arena política, tantas vezes por seus pares e sua família reverenciado em sua trajetória de vida, mas que ainda não tivera sua vida pesquisada? Ademais, o que de fato fez de tão importante para se tornar uma referência histórica para o Ceará do século XIX, fazendo com que seu trabalho seja sistematicamente citado como fonte de pesquisa e/ou como auxílio em se tratando de história do Ceará imperial? Quem pode ter sido esse sujeito que, nas confluências de seu tempo construiu uma memória em torno de seu nome que dura até os dias hoje? E qual a importância de se estudar seu pensamento na atualidade?

As modas que animaram a biografia tiveram seu tempo e lugar. Dos gregos a Idade Media, do século XIX ao XX, as principias sociedades ocidentais criaram um jeito para retratar seus indivíduos e a grandiosidade de suas vidas ou feitos. Heroica, modal ou hermenêutica, como subdividiu François Dosse (2009), ou mesmo através dos estudos de Sabina Loriga (2011) cuja pesquisa recai essencialmente sobre o século XIX e a busca pelo "pequeno X", é que me ancoro para refletir acerca da vida de Thomaz Pompeu e a importância sempre presente de escrevermos sobre os sujeitos de nosso passado e suas relações com seu próprio espaço/tempo.

Régis Lopes, em O Fato e a Fábula (2012), nos dá conta do processo de forja da escrita da historia do Ceará e seus meandros, quando em certa altura assim afirma: "estudar como o acontecer faz o tempo existir" (p. 13). Mesmo esse trecho estando se referindo a um processo histórico, que é o Ceará na escrita da História, reclamo essa assertiva para justificar que é justamente quando estudamos o acontecer é que percebemos a densidade do tempo de uma vida, e o acontecer desta. Thomaz Pompeu não aconteceu sozinho, sendo essa uma das chaves para entendermos alguns processos e escolhas aos quais este esteve submetido e assim questionarmos como

[1] Esse artigo é um recorte das discussões até o presente momento referentes à pesquisa, em andamento, que tem como titulo: Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. Trajetória e Ação Política. Um esboço biográfico (1845/1877).

se deu sua vida e obra em seu lugar e tempo histórico, como também sua importância para a narrativa histórica do Ceará no século XIX.

Na pretensão de escrever um esboço biográfico, análise em certa medida "arbitrária" do que possa ter sido essa trajetória, entendemos "arbitrária" por ser sempre um recorte, uma perspectiva e no caso das trajetórias, estas com uma dupla recomposição inatingível, dado que se pretende articular os dois campos da vida, o pessoal e o público, o interno e o externo, em uma interlocução que jamais se rompe, porém são formadas separadamente. Intentando buscar essas incoerências que formam o sujeito, em suas descontinuidades e reentrâncias, sabendo nós e reconhecendo a importância desse tipo de interpretação, que não tenta dar cabo da trajetória de um sujeito em sua completude, mas justamente no que há de fragmentado e efêmero, mas donde nos aproximamos de um perfil de acordo como se dá na vida propriamente dita, de forma desordenada e em um compasso que só percebemos ao observar de longe, ao tentar da inteligibilidade a vida de um sujeito através do recurso narrativo, e constatando sua eterna dinâmica marcada pelo próprio devir.

Nascido em 1818, Pompeu é um intelectual do século XIX. De família abastada, herdeiro dos Pinto de Mesquita (MACEDO, 1967), e que se destaca em seu meio pela forma com que conduz sua vida pública e por pensar meios de fazer interagir a ciência e seu tempo. Thomaz Pompeu emerge no cenário intelectual e político provincial por sua vultosa e importante obra e prática política e intelectual, estas sempre marcadas por um discurso em defesa do progresso econômico cearense, relacionados à seca e a falta de instrução pública, voltadas ao trabalho na província.

Sendo indispensável entender o porquê de seu interesse na relação natureza-educação-economia que este fez durante toda sua carreira jornalista e política. Importando, logo, salientar que essas especializações não se subdividem em sua trajetória, mas em contrário, são práticas que reclamam ponto de contato, fazendo-nos indagar o que um homem com tanto prestígio e poder entendia como progresso através da educação e do fomento a uma ideia de preservação da natureza para manutenção da economia local.

Entendendo as dificuldades que permeiam a escrita da história através da biografia e da análise de trajetórias ou até mesmo parte destas, como é o caso em questão, isso porque meu objetivo não é o de problematizá-lo desde seu nascimento até sua morte, recorto aqui sua trajetória no tempo

que concerne à sua ação política, que tem início a partir de seu retorno de Olinda para Fortaleza em 1845, até sua morte em 1877, observando seus discursos e suas práticas políticas dentro, mas também em torno do jornal *O Cearense*, buscando no entrelaçamento entre vida pessoal e vida pública, entre as escolhas já feitas e caminhos já tomados, mas percebidos pela problemática do indivíduo e não somente de seu meio e suas (in)determinações socioculturais. Assim, não seria necessário voltar até seu nascimento para estabelecer uma relação de causalidade, até mesmo porque essa relação é problemática ou nem existe.

Todavia, o que rogo aqui não é fazer um trabalho de micro-história em seus termos, nem em transformar Thomaz Pompeu como um exemplo de seu meio, cujas características que carrega poderiam ser transferidas para um de seus pares sem grandes prejuízos, ou menos ainda, reduzindo as suas práticas e falas as determinações de sua conjuntura, cujas respostas dadas seriam facilmente alcançadas apenas na investigação do seu contexto. O que tento inscrever é uma articulação entre as ações políticas, estas a nível do sujeito, não somente como reagente social, mas entendido como sujeito racional que opera sobre os outros e sobre si mesmo, dado que todo sujeito

> [...] é sum sujeito partido, segmentado, não é uma unidade, uma totalidade. Assim como sua vida é errante e aberta, ele, enquanto, sujeito, é também um sujeito aberto, atravessado por diferentes fluxos sociais. Ele não consegue totalizar as experiências que passam por ele mesmo, que o atravessam. Ele é um entroncamento em que diferentes estradas, diferentes séries históricas, vêm encontrar-se e, ao mesmo tempo. Vêm separar-se. Ele não é só um ponto de partida, nem só ponto de chegada, ele é travessia, transversalidade (ALBUQUERQUE JÚNIOR apud AVELAR, 2010, p. 162).

Assim, ao investigar Thomaz Pompeu, olho o contexto no qual essa trajetória (só)pôde se desenvolver, buscado então, alcançar o cerne desta relação inexorável entre homem político e a sociedade na qual esse homem está imerso, tendo em suas contradições o foco de nossa problematização.

Filho de Thomaz d'Aquino de Sousa, e d. Geracina Isabel de Sousa, Thomaz Pompeu nasceu na cidade de Santa Quitéria, a 06 de junho de 1818. Este trilhou os caminhos iniciais guiados por seu pai e tio materno, perfazendo o trajeto comum aos jovens a sua época.

> Os primeiros anos da adolescência se escoaram no lar paterno entre os incessantes cuidados de uma mãe a quem a Providência apenas aquinhoara com dois filhos varões, e os extremos de uma mãe terna e delicada, ternura que lhe ficou para sempre guardada na alma, e que foi o cunho predominante do seu trato e do seu espírito. Concluídas as primeiras letras, com sua aplicação e inteligência lhe assegurando brilhante futuro e a família o havendo destinado para a carreira do sacerdócio, em fevereiro de 1835, matriculou-se no curso de Gramatica Latina da cidade de Sobral, na aula do professor e seu tio Ignácio Francisco Torres e Vasconcellos. (23° Aniversário. Homenagem d'A República, 1900, p. 8)

Tendo iniciado seus estudos sob o olhar atento de seu pai, que, como observado, só teve dois filhos varões, nos indicando que só houveram duas oportunidades de bem manter e reproduzir o nome do clã. Então, os investimentos em seus estudos tornam-se prioridade, como afirma Virgílio Távora:

> Muito jovem ainda é encaminhado a estudar Latim com o tio [...] Tanta inteligência gosto pelas letras demonstrou que os parentes resolveram manda-lo a Recife a fim de prosseguir os estudos. [...] É interessante ressaltar o procedimento da família do Senador Pompeu orientando-o para o sacerdócio. Era comum aquela época, entre as famílias nordestinas, destinar um filho à carreira sacerdotal, para ter representantes na igreja, e, por igual, encaminhar outros nas lides políticas com vistas a projetar o clã no contexto sociopolítico e cultural da Província. (TÁVORA, 1977, p. 6)

Aproximamo-nos, em certa medida, de como podem ter se desenrolado as primeiras decisões em torno da vida de Thomaz Pompeu, e que o conduziram a uma realidade cujas escolhas ele ainda haveria de construir. Alguns de seus biógrafos, como Nertan Macedo e Geraldo Nobre, apontam que parte de seu pensamento será diretamente influenciado por conta de sua ascendência revolucionária; isso, por Pompeu pertencer à família dos padres Mororó e Miguelino, envolvidos nos movimentos republicanos de 1817 e 1824 (MACEDO, 1967, p. 61) correlacionando sua perspectiva liberal e anti-conservadora com seus antepassados. De certa forma faz sentido com a afirmação de Parsifal Barroso:

> É que seu pai, Thomaz de Aquino de Sousa assinara, em 26 de agosto de 1824 a célebre ata do chamado Grande Conselho que marcaria o

> início da Confederação do Equador. Desencadeando-se em toda a Província violenta reação imperialista, pelo que não valeu a Thomaz de Aquino, ser homem pacífico e haver desconfessado sua adesão ao movimento subversivo, alegando, juntamente com outros, que adotara o sistema contrário à Monarquia "com o poder da força e violência involuntariamente de suas livres e espontâneas vontades". Ficou mal visto e tido como "patriota" palavra que então tomara conotação pejorativa, para significar os partidários do bravo caudilho Tristão Gonçalves. [...] Depois de acometidos por uma escolta de assassinos, de que se livraram, Thomaz de Aquino e sua família, tiveram por prudente abandonar Santa Quitéria, retornando no ano seguinte, àquela freguesia, quando encontraram seus haveres, que consistiam em gados, quase dizimados pela peste, seca e ação punitiva de seus adversários. (BARROSO, 1977, p. 194)

Com base nessas afirmações, podemos observar como se deram os primeiros anos da infância de Pompeu, já entre idas e vindas por entre localidades do interior da província cearense e suas primeiras relações estabelecidas em torno de sua formação educacional, sendo instruído e formado com fins de estabelecê-lo entre os *grandes homens*[2] para dominar os rumos dessa nação em construção.

Acerca do início de sua vida acadêmica temos poucas informações, porém Nertan Macêdo, em outra obra de grande importância para esta pesquisa, dá conta de umas "Notas de uma Caderno de lembranças do Senador Tomás Pompeu de Sousa Brasil, iniciados quando ainda estudante do Seminário de Olinda", em que este constrói uma cronologia de fatos ocorridos desde sua saída para os estudos no Seminário de Olinda, em Pernambuco, até o término de seus estudos nesta casa; voltando a contar sua vida a partir de seu retorno para Fortaleza em 1845, até sua eleição para senador em 1864, quando terminam as notas. Apesar da simplicidade das informações, Macedo estabelece um elo entre as informações dadas por Pompeu e se alguma coisa relevante aconteceu, a exemplo, como um colega de quarto a quem Pompeu se refere como Gonçalo Batista Vieira, e que Macedo nos avisa ser este mais tarde o Barão de Aquiraz, futuro chefe dos conservadores miúdos do Ceará. (MACEDO, 1967, p. 88)

[2] Entendemos aqui por *grandes homens* "... As distinções, os bens de fortuna, a própria superioridade intelectual, tudo fortificado pelas relações de parentela e afilhadagem, cream o que chama-se uma *influência*, isto é, um homem de posição mais forte, cercado de um certo grupo que lhe é dependente (Grifo nosso). (Diogo Velho Cavalcante de Albuquerque [1868] apud ARAÚJO, 1994, p. 105)

Após concluir os estudos com o seu tio em Sobral, Pompeu embarca para Olinda e assim escreve em suas "Notas de um Caderno de lembranças...":

> Saí de minha casa [na atual Santa Quitéria] para Pernambuco no dia 15 de junho de 1836, de Sobral no dia 23, do Ceará (Fortaleza) no dia 10 de agosto, cheguei no Recife no dia 27 de setembro, entrei no Seminário no dia 10 de outubro. Passei a ser sustentado à custa da Loteria, de 1° de fevereiro de 1838 em diante, até 15 de março de 1839, dia em que saí dali para morarem casa de Gonçalo Batista Vieira [depois Barão de Aquirás] por me ter matriculado na Academia de Direito, a instâncias deste amigo e de outros. (MACEDO, 1967, p. 88)

Além de informar sobre as datas de suas partidas e chegadas, Pompeu também nos diz sobre como se deu o seu sustento, tendo iniciado seus estudos através de concurso da Loteria, depois com a ajuda de amigos, a exemplo de Batista Vieira[3], entrando então em acordo com o que afirmou Virgílio Távora em seu esboço biográfico para as homenagens do centenário de morte do senador Pompeu pelo Senado Federal que diz:

> O Senador ora homenageado conheceu, pois, todas as agruras de menino pobre em bens materiais, mas rico em inteligência, ambição e tremenda obstinação, atributos que constituem características inerentes à psicologia do cearense e, por que não o dizer, de toda a gente nordestina. Com tais predicados, conseguiu virar a roda da predestinação ao sofrimento e limitações dos ali nascidos, sobrepondo-se as adversidades com que o *meio* o marcou e furtando-se, assim, à vala do anonimato. (TÁVORA, 1977, p. 6)

Nesses textos, tenho poucos indícios de como se deu seu cotidiano no Seminário de Olinda, contando que, nos outros ensaios biográficos sobre Thomaz Pompeu, este nasceu, se desenvolveu, viveu algumas agruras, depois foi abastado até sua morte, talvez sendo isso um recurso para que a memória desse "grande homem" fosse inabalável, não havendo pedras no caminho para que este chegasse onde chegou. Todavia, o que

[3] "Gonçalo Baptista Vieira, Filho do capitão-mór de S. Matheus, de igual nome. Nasceu a 17 de Maio de 1819 no então arraial de S. Matheus [...]. Formado em Olinda em 1843, filiou-se à escola conservadora, que era a de sua numerosa família e que fel-o deputado provincial por vezes, quando a morte de seu primo o Senador Miguel Fernandes Vieira, ocorrida a 6 de Agosto de 1862, deu-lhe a chefia do partido na Província." (STUDART, 1913)

me trouxe aqui é justamente o contrário, o que pode haver de novo sobre esse sujeito e que tensiona de forma a nos permitir enxergar o "pequeno X", ao qual Loriga nos chama atenção, entendendo como Pompeu ressignificou os ensinamentos colhidos de seu pai e tio, complementados com sua formação na casa olindense.[4]

Em seu retorno para o Ceará, em 1845, com vinte e sete anos, para presidir a instalação da primeira escola de ensino secundário da Província, o *Lyceu*, Thomaz Pompeu ainda não era uma unanimidade entre as classes política e intelectual provincial. Sua carreira ainda estava por se construir, por isso o entendimento de que a ocupação deste cargo foi um divisor de águas em sua vida. É somente a partir de suas atividades no *Lyceu* que podemos observar um direcionamento de suas práticas rumo à educação, ao jornalismo e a política propriamente dita; segundo que, assim que retorna, é eleito suplente de Deputado Geral, no lugar do Rev. Costa Barros, falecido antes de tomar posse. E um ano depois de estar exercendo suas funções, enfrenta a empreitada de fundar e dirigir uma folha partidária, *O Cearense*.

Ao contarmos a história da criação do *O Cearense* seria possível perfazer parte da trajetória de Pompeu e de sua rede de sociabilidades, intentando invocar como a manutenção de suas ideias e projetos se deu ao longo de seu trabalho no jornal juntamente com o estabelecimento e fortalecimento de seus laços sociais.

Como afirma Sabino Fernandes (2004), *O Cearense* nasce da junção de outros dois jornais anteriores fruto da ascensão dos liberais ao poder. Demonstrando não ser essa uma iniciativa inédita, contudo, pelo tempo de duração – sendo editado de 1846 a 1891 – e importância que esta página teve para a história do Ceará provincial, pode-se dar parte do crédito a sua administração ou especificamente ao modelo de direcionamento que a página teve durante os trinta e um anos em que Pompeu a dirigiu, dado que após sua morte *O Cearense* não duraria muito tempo. Não que o seu funcionamento estivesse estritamente ligado as suas ordens, mas sob seu comando o jornal se mostraria como uma "máquina de guerra" intelectual/política, imprimindo naqueles que tinham acesso à leitura, sua perspectiva de mundo e seus projetos de cunho liberal/progressista.

Já em sua primeira edição, com data de 04 de outubro de 1846, *O Cearense* traz um artigo de mais de uma página, não assinado, com o título

[4] Nos referindo ao Seminário de Olinda.

de *A Seca*[5]. Versando sobre a temática das secas, tema muito caro à obra intelectual de Thomaz Pompeu. Pode-se afirmar ser este texto da autoria do próprio. Isso porque o artigo vem a discorrer sobre a necessidade de uma maior instrução dos agricultores e dos donos das terras com os sistemas de rotação dos plantios, tudo para que se evite a destruição das matas e talvez assim se evite a ocorrência das secas, mal que dizima toda a sorte dos cearenses, como podemos ver:

> Estamos convencidos, como os estão distintos escritores, que o corte de nossas matas é a causa primordial das terríveis secas porque temos passado: a nossa província em geral, sendo despidas de matas, a sua falta tirando a humidade necessária ao terreno, o torna árido e nu; e expondo-se a raiz abrasadores do nosso sol ardente faz dessecar os campos e os esteriliza. Este mal, porem já filho da natureza do nosso solo, longe de minorar, vai sempre em aumento; nossos plantadores, ignorando o prejuízo, que à província, e por consequência a si mesmos, fazem com a continua derribada de matas para plantarem roçados, metem desapiedadamente os machados nelas e todos os dias se vão cada vez mais o terrível cancro, que nos há de roer completamente. (O *Cearense*, 04/10/1846, A Seca)

Sintomaticamente, essa teoria poderá ser encontrada no livro de Pompeu "Memória sobre a conservação das matas e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará", e que centralizará as principais ideias a serem desenvolvidas ao longo de sua vida intelectual. Como podemos observar no trecho a seguir e que confirma a semelhança da tese e sua autoria:

> Por vezes temos chamado atenção dos habitantes desta província, e dos poderes públicos para os terríveis efeitos da devastação de nossas matas, que a ignorância, e sobre tudo o egoísmo, e indiferença para com as gerações futuras vão todos os dias reduzindo, e quase aniquilando. Inútil Cassandra! De balde havemos demonstrado com os princípios da ciência, com a autoridade dos sábios, com a experiência d'outros países, e até com a nossa própria, que o pernicioso sistema de roteamento das matas, o incêndio dos campos no sertão, apressarão o termo de completa ruina de nossa terra, e deixarão a nossos vindouros solidões e ruinas, e uma mal lição eterna à nossa memória. [...] Dois

[5] *O Cearense*, 04/10/1846, Editorial. As referências retiradas do jornal *O Cearense* estarão nesse trabalho com atualização ortográfica e a fim de um melhor entendimento do leitor.

> males assinala o eminente sábio alemão, que há pouco deixou de ilustrar o mundo, como consequência da destruição das matas: seca e a falta de combustível. (BRASIL, 1997 [1859], p. 5)

A história acontece sem a permissão do historiador. Não é tarefa dos sujeitos ou dos acontecimentos de suas vidas aparecerem de forma inteligível para os cientistas sociais. É papel nosso montar as peças que formam as engrenagens que movimentam a vida, e ao montar essas peças, que estão dispersas e quase invisíveis, dar-lhes leitura e entendimento. Isso porque, ao tentarmos recompor as atitudes e os pensamentos de um sujeito histórico, olhar pelas arestas e ao mesmo tempo sobre os ombros de gigantes torna-se imprescindível.

Os textos biográficos que depõem sobre Thomaz Pompeu dão sempre conta da importância de Pompeu para a folha e desta para Pompeu. Entretanto este não construiu tudo sozinho. Este estabelece uma rede de relações tanto para a criação do jornal, como para as atividades pertinentes ao jornalismo do tipo partidário, que era o que se praticava. E será nessa rede de relações que se encontram muitos caminhos para pensar sua trajetória e seu tempo.

Essas alianças estabelecidas em torno de um proposito em comum, nesse caso, a ampliação da força política dos liberais com o incremento de um veículo de comunicação próprio, era o passo que faltava nesse momento para a luta diante dos conservadores, que desde 1840 já dispunham de uma página própria, o *Pedro II,* ganhasse novo folego.

Tomadas como *acontecimentos base,* instalação do *Lyceu* e criação do *O Cearense* têm seu núcleo preenchido de projetos e demandas a serem cumpridas. Thomaz Pompeu em uma atividade totalmente consciente, juntamente com seus pares, vai enunciar projetos políticos de cunho liberal para o Ceará, mas estabelecendo uma rede de relações do tipo tradicional/conservadora, até comum a época, embora permeada de conflitos e disputas.

No intuito final de divulgar e defender as ideias do partido liberal, *O Cearense,* nas pessoas de seus dirigentes e redatores, irá trilhar um caminho diferente de seus concorrentes, perfazendo uma linha mais moderada e justa, sendo a bandeira do jornal, como defende Sabino Fernandes, de um jornalismo com "o desejo de estima e boa opinião" (2004, p. 36)

> [...] demonstrando desde o início seu compromisso para com o público de (e)leitores principalmente. Tendo em vista as batalhas através de imprensa, em favor da democracia, da liberdade, do progresso, do patriotismo, princípios que, segundo os redatores da folha liberal, não condiziam com a prática do jornalismo conservador cearense. (FERNANDES, 2004, p. 42)

Para além de suas críticas e propostas sobre a educação, Pompeu articula sua própria ideia de relação entre os *sujeitos* e a *sociedade* que compõe. Defendia como de fundamental importância que as classes dirigentes percebessem a importância da educação para o progresso da economia. Com algumas alterações, ele destaca pontos já estabelecidos com o Relatório de 1853, como por exemplo, uma educação não voltada para a profissionalização dos jovens e de um conhecimento científico por parte destes, ficando ainda a instrução voltada para as letras e as artes. "A obra do Senador Pompeu tem esse viés, produzir para cumular, conhecer para dominar, favorecer para se apoderar dos recursos que se colocassem as mãos" (NEVES apud SOUSA, 1997, p. 112) essa é a perspectiva que o próprio Thomaz Pompeu vai criando para sua obra. Como se lê:

> Nos países civilizados a educação da mocidade está organizada segundo a classe da sociedade, propensão, ou profissão futura dos meninos. Aplica-se a cada jovem aqueles conhecimentos que tem de empregar em sua projetada vida futura. Entre nós porém, depois das primeira letras, passa-se ao latim, logica, retorica e seja qual for a profissão a que se vão dedicar, e entrados depois no mundo aplicados ao comercio, a agricultura, a criação e artes, nenhum uso podem fazer dos conhecimentos adquiridos, e são forçados a esquecer princípios, que não sendo outra coisa mais que preparatórios para as ciências superiores não aplicação alguma na vida ativa e laboriosa, a que se vão dedicar e perdem assim seu tempo e fortuna que podiam ser empregados mais utilmente em outra coisa. (*O Cearense*, 05 de junho de 1855).

Todavia, esse seu discurso encontra hora e lugar para estar em pauta. Thomaz Pompeu fazia parte da elite pensante que dominou a política no Ceará. Como defendo aqui, é no cerne de suas contradições de sujeito que se investiga como este indivíduo se pensou, se programou e se articulou dentro da política local e nacional fazendo uso de ideias liberais, mas amparado por um modo de fazer política mais humanística, e muitas vezes caminhando bem entre os conservadores, demonstrando assim que as

disputas estavam muito mais ligadas ao poder que se deslocava de mão em mão, dependendo das habilidades e das relações políticas que pudesse ser estabelecida. Como se pode observar em Sousa Neto, acerca de Pompeu:

> O intelectual de elite de que falamos faz uso do saber que adquiriu, ultrapassando seus pares na condução de certos projetos para colocar-se fora de seu tempo ainda que completamente dentro dele. Por outro lado, se auxilia a sua classe e utiliza-se dos métodos que a mesma detém – apadrinhamento, clientelismo, patrimonialismo -, coloca na ordem do dia a aplicação de um pensamento geográfico que é a própria expressão do poder das elites imperiais, local e nacionalmente. Não por acaso, será tratado por Cândido Mendes de Almeida, como o primeiro geografo brasileiro (SOUSA, 1997, p. 112)

Como político, o que fica mais e com mais força registrado no tempo são suas ações e como intelectual suas publicações, e Thomaz Pompeu sabia disso. Tanto que conseguiu manejar esses dois espaços, que de forma mútua compõe sua carreira. Não havendo limite de onde começa ou termina o político e o intelectual, é que se estabelece aqui que não há divisão entre esses, mas sim, um direcionamento de suas demandas de acordo com o trabalho a ser feito.

Assim, ao ter de escrever manuais de geografia para uso de seus alunos, ao ter de publicar tanto tais manuais como seus Relatórios de diretor do *Lyceu*, e também suas publicações avulsas acerca de outros temas e que não serão aprofundados por esse estudo, como: "Memorias sobre a estatística da população, e indústria da província do Ceará em 1856"; "Memoria estatística da província do Ceará: sob sua relação phisica, política e industrial", Pompeu direciona sua escrita de acordo com o público a ser atingido e a finalidade que quer que o texto tenha.

François Dosse (2003) problematiza, ao falar da biografia de intelectuais que estes se fazem mais conhecer por suas ideias do que por seu cotidiano. Ou mais ainda, por definição seria assim, só podendo captar a essência da vida de um intelectual através de seus pensamentos. Para tanto, como um intelectual/político, suas obras por si só seriam insuficientes para lhe entender tanto como sujeito singular e histórico, como o tempo em que se desenrola o novelo de sua vida. Por isso, a conexão entre a análise de suas ações políticas e intelectuais como um todo indissociável e único, tendo como semelhança as circunstâncias que também estão dispostas para outros indivíduos do mesmo tempo vivido, porém com outras amarrações e laços, findando em um outro enredo.

Thomaz Pompeu está inserido em um contexto que, de certa forma, o leva a fazer determinadas escolhas, todavia, é a forma como ele estabelece essas escolhas que nos interessa. Tentamos, então, entender qual a noção de Geografia de que Thomaz Pompeu fazia uso, para que e por quais caminhos fez isso? Ao ajudar a fundar o *Lyceu* e se tornar seu primeiro lente de Geografia e História, Thomaz Pompeu escolheu essas disciplinas, dado que este já era formado em Direito e prestou concurso de professor de Teologia Dogmática do Seminário de Olinda, podendo assim escolher outras matérias para suas aulas, contando que o *Lyceu* era composto das cadeiras de: filosofia racional e moral; retórica e poética; aritmética; geometria, trigonometria, geografia e história; latim, francês, e inglês. Entretanto, este escolhe o ensino geográfico, e nele irá investir anos de sua vida intelectual.

Das dezenove obras listadas[6] de autoria de Thomaz Pompeu, nove fazem referência aos estudos geográficos. Se a essas obras se somarem as de estatística a adição chega a treze livros. Não sendo possível aqui o dessecamento de todas as suas obras a fim de que possamos extrair o núcleo duro de seu pensamento geográfico, analisaremos mais detidamente dois livros que versam sobre a Geografia e nos dão indícios de seus usos políticos, por serem obras que demarcam seu pensamento e suas ações políticas. São elas: "Compêndio de Geographia", e "Memória sobre a conservação das matas e arboricultura como meios de melhorar o clima da província do Ceará", já citado.

A Geografia no Brasil nasce primeiro como prática, depois como disciplina. Há primeiramente a criação de uma geografia voltada para o escolar antes mesmo de sua institucionalização. Junto a isso, afirma Sousa Neto que o que vincula a geografia escolar ao sistema de ensino é a criação de uma ideologia patriótica. E completa:

> Partindo desse pressuposto, de que a geografia escolar precedeu a geografia acadêmica e aos geógrafos, poder-se-ia até mesmo dizer, que em sua acepção moderna houve antes professores de geografia e só depois destes é que apareceram os geógrafos. E mais, até que sua institucionalização enquanto ciência ocorreu por dentro da escola secundária. (SOUSA NETO, 1997, p. 55).

---

[6] Conferir site: Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina. https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=15714. Acessado em 26/03/2018.

Thomaz Pompeu, a partir de suas práticas no magistério e dentro de suas condições-limite, irá construir um saber geográfico voltado primeiramente para a juventude cearense, depois para o Brasil. Sua primeira publicação nesse sentido data de 1851 e se tornou um dos maiores veículos para sua projeção na carreira intelectual nacional. A obra era "Elementos de Geograpfia", depois transformada em "Compêndio de Geograpfia". A gênese desta obra é bastante elucidativa para fins de análise do pensamento geográfico de Thomaz Pompeu.

Os diretores e secretários do *Lyceu* tinham de ser também seus professores. Logo, como primeiro diretor, Pompeu também foi seu primeiro lente de Geografia e História. No entanto, na década de quarenta do século XIX o ensino público no Brasil e no Ceará era coisa ainda muito incipiente, mais ainda eram as matérias para se trabalharem nessas aulas, quando existiam. É aí, a partir da criação da referida casa estudantil que o cenário começa a mudar, mas não tanto.

Thomaz Pompeu, antes mesmo de publicar "Elementos de Geografia" em 1851, publicou uma primeira obra intitulada "Princípios Elementares de Cronologia para uso do Liceu do Ceará", em 1850[7]. Mesmo não sendo esta obra matéria de análise aqui neste trabalho, é salutar pensarmos que antes de se aprofundar no pensamento geográfico, este já ensejava construir e ao mesmo tempo controlar o conteúdo a ser aplicado nesses estudantes. Com o passar do tempo, Thomaz Pompeu percebeu que poderia mais do que construir um conteúdo didático, ele poderia construir saberes.

Em relação ao "Compêndio de Geograpfia", que só toma esse nome em sua segunda edição de 1856, já corrigida e aumentada, nasce com o nome de "Elementos de Geograpfia" e inicialmente nada mais são do que suas anotações de aula ou a cópia – dentro de uma tradição que assim faz – de outros grandes geógrafos da época como Aires de Casal (SOUSA NETO, 1997). Sem fugir da contenda que Sousa Neto (1997) lança ao discutir se a obra de Thomaz Pompeu é original, cópia ou tradição[8], o que

[7] Conferir site: Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina.https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=15714. Acessado em 26/03/2018.

[8] "Deste modo, a pergunta que se coloca para nós, por enquanto, não é saber se o *Compendio*... era cópia ou não do modelo de Casal; se ainda estava apegado à Geografia como nomenclatura ou se, por ventura, já havia sofrido uma influência da modernização da ciência geográfica. A questão parece ser a de situar o manual didático dentro do currículo que as elites letradas haviam delineado e para o qual aquele livro escolar deveria estar adequado.Comparando o índice do *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil*, com os currículos

nos interessa é saber como este fez uso de seus argumentos geográficos e os aplicou em sua vida pública de intelectual e político.

Em sua contínua atuação como político/intelectual ou intelectual/político - relação vista aqui como intrínseca, porém móvel -, Thomaz Pompeu escreve uma geografia "política" versando sobre sua sociedade e o como transformá-la para "melhor". Um dos mais claros exemplos de sua escrita é o segundo livro de nossa análise, "Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará", de 1859.

Os anos cinquenta do século XIX foram bastante intensos para Thomaz Pompeu no que diz respeito às suas publicações, de modo que onze de seus livros foram escritos nesse decênio[9]. Entre livros de estatísticas, relatórios e mais outra edição do "Compêndio de Geograpfia", Pompeu organiza e lança uma série de artigos já antes publicados pelas páginas de *O Cearense*.

Na expectativa de dar vazão aos seus argumentos geográficos, defendendo-o como disciplina obrigatória nos cursos primários e secundários. Ou seja, atingindo a sua juventude, os seus moços, Thomaz Pompeu dá início a jornada de seu argumento geográfico, ao mesmo tempo em que o dispara na direção daqueles que mais próximos estavam da terra, os agricultores e criadores - pequenos e grandes - como diz na parte direcionada ao leitor em "Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhor o clima da província do Ceará":

> Ao Leitor. Mas parecendo-nos depois de alguma utilidade remir esta série de artigos em um folheto para distribuir com os nossos agricultores e criadores, assim o fizemos; e sem alterarmos o que foi publicado no CEARENSE, oferecemos ao público, levado unicamente do sincero desejo de convencermos aos nossos patrícios das verdades que aqui enunciamos, verdades incontestáveis bebida em fatos autênticos, e na autoridade dos sábios respeitáveis. (BRASIL, [1859] 1997, p. 3)

aprovados no Colégio Pedro II - currículos que serviriam de modelo para os demais Liceus do Império -, vemos que se complementam diante das necessidades que tinham. Quando o *Compendio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil* é adotado no Colégio Pedro II, em decorrência de mudanças na legislação, isto é também uma cópia da França de Guizot e Falloux. É a tradição inventada o que faz Pompeu, porque a serviço do Estado é o que a *mocidade brasileira* precisa aprender." (SOUSA NETO, 1997, p. 50)

[9] Conferir site: Literatura Brasileira da Universidade Federal de Santa Catarina. https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=15714. Acessado em 26/03/2018.

O título e o destino indicados no livro nos dizem muitas coisas. A primeira delas é que é uma obra de fácil acesso e leitura. Tanto pelo nome bem didático, em que a tese central fica bem explícita "conservar a mata como meio de melhorar o clima", como por seu direcionamento e alcance, dizendo ser esta uma obra a ser "distribuída aos agricultores e criadores", e no caso de você ser um assinante do *O Cearense*, esses artigos em nada sofreram alteração. Pois a vontade era de disseminar esses argumentos, de fazê-lo chegar a quem realmente interessava, o sujeito que produz no campo. E completa:

> Por vezes temos chamado atenção dos habitantes desta província, e dos poderes públicos para os terríveis efeitos da devastação de nossas matas, que a ignorância, e sobre tudo o egoísmo, e a indiferença para com as gerações futuras vão todos os dias reduzindo, e quase aniquilando. [...] Dois males assinala o eminente sábio alemão, [...] como consequência da destruição das matas: a seca e falta de combustível. (BRASIL, [1859] 1997, p. 5)

Thomaz Pompeu, primeiramente a partir de seus trabalhos como lente do *Lyceu*, depois, já apoiado na "autoridade de sábios respeitáveis" articula um argumento geográfico, voltado para os sujeitos a quem competia o trabalho no campo e voltado para o futuro de sua província, dado que, segundo seu argumento, é através da conservação da vegetação natural que se combate o fenômenos das secas. Isso porque, ao estudar o passado do clima e observar seus ciclos de maior ou menor intensidade, Pompeu circunscreve fatores que a promovem ou que podem arrefecê-las e com isso concebe a teoria de que se conservassem as matas, estariam assim promovendo a luta contra essa intempérie, logo, mantendo aquecido o motor da Província, que se baseava no plantio de diversos produtos, como o algodão por exemplo. E conclui: "A natureza pois à nossa disposição todos os elementos da felicidade terrestre. Aos homens cumpre, pela ciência e pela mutualidade executar os autos mandamentos que Deus escreveu na natureza" (BRASIL, [1859] 1997, p. 26).

Deixando implicitamente clara sua visão de que a natureza estava a serviço dos homens e para isso deveria ser dominada pelo conhecimento de seus cientistas. Assim, poderiam programar com base em seus conhecimentos sobre passado do clima o que estava a acontecer no presente e dessa forma planejar um futuro próspero para província. A seca destruía as

matas que secava o solo e o transformaria em deserto, impossibilitando as gerações futuras de seu crescimento econômico (BRASIL, [1859] 1997).

Conhecendo o passado, entendendo as demandas de seu presente e cogitando o futuro, assim pode ser entendida a geografia que se encontra em "Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará". Pois, Thomaz Pompeu compreende e demonstra isso. Saber o histórico do clima, entender para quem falar, direcionado a que fim, e confiado na autoridade dos sábios, suas palavras tenderiam a não cair no esquecimento e seriam postas em prática.

Portanto, esse sujeito maneja como num tabuleiro de xadrez as peças de sua vida. Em atitudes plenamente conscientes, como a da atividade intelectual, Pompeu constrói longa e sólida carreira no magistério e através dela dá vazão a seus conhecimentos como pesquisador. Em uma terceira via, publica todo esse conhecimento produzido através dos canais de comunicação possíveis, como jornais e publicações particulares.

Finalizando esse quadro, temos suas ações como político e que se vinculam diretamente ao saber por ele produzido. Ao usar a tribuna como lugar para suas falas defendidas com base em seus conhecimentos de cientista, fechando um círculo de ações/relações que poucos conseguiram construir ao redor de si, que podemos resumir em: a construção do próprio argumento científico; a vinculação desse saber ao ensino obrigatório; sua publicidade através da imprensa a qual dominava; pertencer ao círculo político local/nacional.

Não estando esgotadas aqui todas as manifestações possíveis de como pôde se desenrolar essa trajetória, mas entendendo sempre que a tentativa biográfica só é possível quando se compreende a incompletude da própria escrita em querer capturar o indivíduo em suas certezas ou verdades. O que temos é o passado-passado, já feito. Não temos como reconstituí-lo, tão pouco revivê-lo. O que nos é permitido, no entanto, é dar-lhe uma das muitas leituras que esta poderia ter.

Quando afirmei que tanto a narrativa histórica quanto a memória eram construções, me referi às indagações que são feitas ao passado e seu contingenciamento enquanto escrita da história. O que definem as respostas dadas pelo passado são as perguntas que o historiador faz e sua ética enquanto aos usos dos métodos de análise dessas respostas-fontes. Porque, por mais que tenhamos liberdade de interpretação histórica e sejamos carregados de subjetividade, não analisamos o passado ao sabor de nossos desejos.

Thomaz Pompeu de Sousa Brasil completou duzentos de seu nascimento neste ano de 2018, mas porque isso nos interessa? Ou até mesmo porque dessa memória existir? Outras pessoas nasceram em 1818, no entanto seus nomes não estãono rol dos "escolhidos" pela História. Mas o de Pompeu está, e isso faz dele diferente e sua trajetória também.

Conhecido também por fundar um clã que perdura até os dias de hoje, os Pompeu Brasil fizeram uma escolha por perpetuar seu nome e sua obra. Como o primeiro de uma linhagem que ocupará os mais importantes cargos e profissões na virada do século XIX para o XX - vide seu genro Antônio Pinto Nogueira Accioly, que governou o Ceará entre 1896 e 1912-, até a professora Ângela Gutierrez, trineta de Pompeu e uma das mentoras das comemorações do bicentenário de seu mais renomado antepassado, num constante movimento de rememoração/reconstrução da memória em torno de Thomaz Pompeu e sua obra, reatualizando sua importância histórica para o Ceará e os cearenses.

Referências:

ARAÚJO, Raimundo Alves de. *Família e Poder:* a construção do Estado no noroeste cearense do século XIX (1830-1900). Dissertação (Mestrado Acadêmico em História). Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, 2011.

AVELAR, de S. Alexandre. A biografia como escrita da História: possibilidades, limites e tensões. *Dimensões*, v. 24, 2010.

BARROSO, José Parsifal. O Senador Pompeu – Um cabeça chata autêntico, político realista, anti-impositor. *Revista do Instituto do Ceará.* Fortaleza: Typ. Studart, Tomo XCI, 1977;

BRASIL, Thomaz Pompeu de Sousa. *Relatório do estado da Instrução Pública e Particular da província do Ceará no ano de 1855.* 1° ed. Ceará: Typographia Cearense impresso por Joaquim José d'Oliveira, 1855.

_____. *Memória sobre a conservação das matas, e arboricultura como meio de melhorar o clima da província do Ceará*. [1859]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

_____. *Compêndio Elementar de Geographia Geral e Especial do Brasil.* [1859] 4ª Ed. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1864.

DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERNANDES, Ana Carla Sabino. *A imprensa em pauta:* entre as contendas e paixões partidárias dos jornais O Cearense, Pedro II e Constituição na segunda metade do século XIX. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2004.

HOMENAGEM D'A REPUBLICA. *23°Aniversário do Senador Thomaz Pompeu*. Fortaleza, Typ. Econômica, 1900.

LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MACEDO, Nertan. *O clã de Santa Quitéria*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1980.

PAIVA, Melquíades Pinto. Os Naturalistas e o Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Editora "Instituto do Ceará", Tomo CXII, 1998;

PINTO, José Marcelo de Alcântara. Tomás Pompeu de Souza Brasil**:** Um Senador do Império. Esboço Biográfico. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, Tomo C, 1986;

RAMOS, Francisco Régis Lopes. O fato e fábula: o Ceará na escrita da História. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2012.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. *Senador Pompeo:* um geógrafo do poder no Brasil do Império. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

TÁVORA, Virgílio. *Senador Thomaz Pompeu de Sousa Brasil* (Centenário de morte). Revista de Informação Legislativa, Ano 14. n° 56, Brasília, 1977.